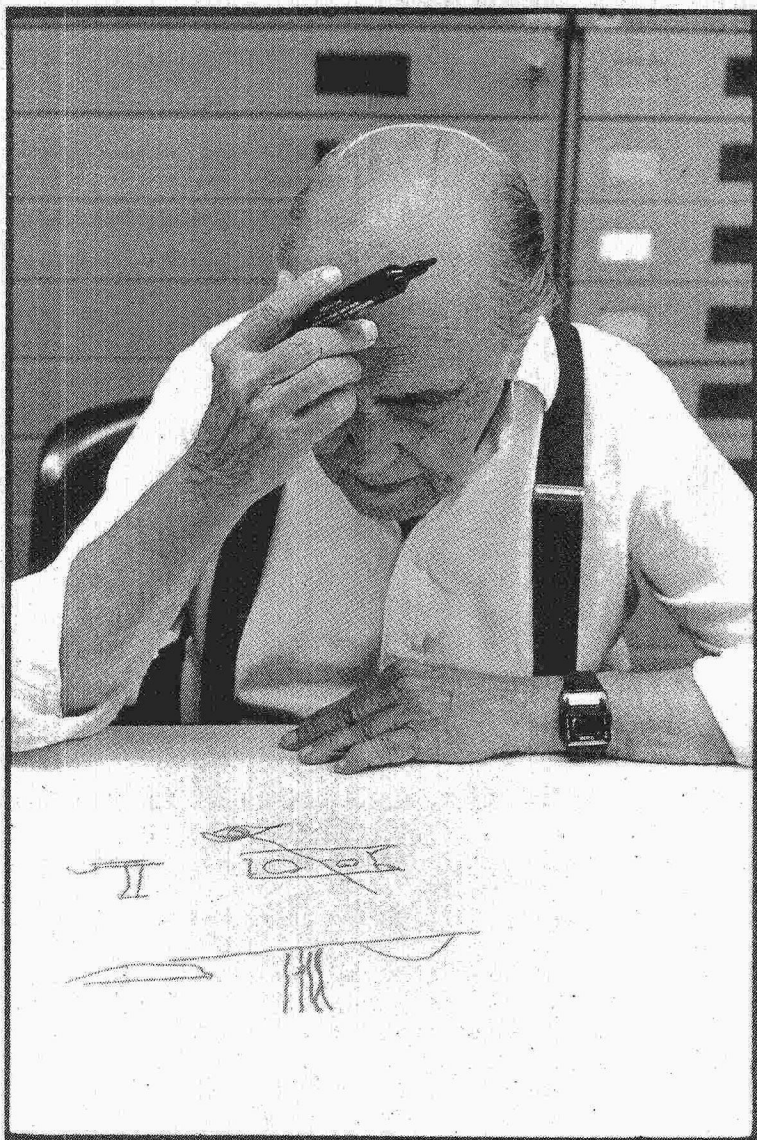


A CIDADE INVENTADA



Tudo começou com um desenho de duas linhas que se cruzavam. Seria uma cruz? Um pássaro? Um avião? Era uma cidade, como jamais se vira. Um segundo criador imaginou edifícios e monumentos que pareciam bailar sobre o cerrado e a solidão. Vieram então os operários predestinados a cravar no chão o sinal da cruz e transformar o desejo em concreto. E vieram, em 1960, os primeiros moradores. Entre tantos, um menino e um menina que passariam a infância brincando no grande canteiro de obras que era, para eles, um quintal do tamanho do mundo. Mas os dois só haveriam de se encontrar dez anos depois, às vésperas de se apaixonarem. Do casamento de 25 anos nasceram três filhos, três candangos. No dia em que se comemoram os dez anos da decisão da Unesco de transformar a invenção de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer em Patrimônio da Humanidade, o Correio conta a história de José Márcio, Lurdinha, Pedro, Marcos e Adriana. Que é um pouco a história desta cidade. E, assim sendo, de cada um de nós.

Os dois chegaram quase juntos, em 1960. Tinham apenas nove anos de idade. Brasília era ainda mais nova: havia acabado de nascer. E ninguém diria que no futuro, num dia 11 de dezembro de 1987, a Unesco resolveria que aquele seria o primeiro monumento do século XX a tornar-se Patrimônio da Humanidade. Mas em 1960, o Plano Piloto não passava de um gigantesco canteiro de obras que assombrava o Brasil. Já aos olhos do menino e da menina, era mais que isso: o maior quintal do mundo, cenário de sonho para as brincadeiras da infância. José Márcio e Lurdinha moravam na mesma Asa. Ele, recém-chegado do Rio, na 106 Sul. Ela, que vinha de Sergipe, na 206. Tão perto, tão longe: bastava atravessar os eixos, mas os dois só foram se conhecer na Copa de 1970, torcendo pela Seleção na casa de uma amiga em comum, que morava na 104 Sul. Mas a partir daí, não perderam tempo. O casamento do advogado José Márcio e da professora universitária Lurdinha deu a Brasília três novos cidadãos. Adriana tem 16 anos. Marcos, 18. Pedro, de 21, foi este ano estudar no Rio. Resumo do primeiro capítulo: o Plano Piloto comemora hoje 10 anos de inscrição na lista do Patrimônio da Humanidade. José Márcio e Lurdinha têm 46 anos e estão casados há 25. Marcos e Adriana nem pensam em ir embora, enquanto Pedro não vê a hora de voltar. Ah, sim: Márcia, a amiga cuja televisão sintoniza-do em Guadalajara foi o começo da história de José Márcio e Lurdinha, mora hoje na 211 Sul. No mesmo bloco do casal que ajudou a unir.



“Recordo as terras quase virgens, cobertas de lama, sulcadas pelas chuvas que se derramavam pelo planalto de forma assustadora, e, depois, no período da seca, da poeira que tudo avermelhava, entrando-nos pela pele, insistente e impalpável.”

Oscar Niemeyer



Criação

No princípio era o deserto, feito de solidão e árvores retorcidas. Um dia, o primeiro criador traçou no cerrado uma cruz. Do meio dos redemoinhos de poeira vermelha, o segundo criador sonhou — e os operários vindos de diferentes lonjuras acalentaram — gigantes de inesperada leveza e formas sinuosas como as das mulheres amadas. Edifícios feitos mulheres de concreto.

Na tarde chuvosa de 12 de março de 1957, Lúcio Costa, o primeiro criador, fez chegar à comissão que escolheria o projeto urbanístico da nova capital da República os esboços que começara a fazer no final do ano anterior, durante 12 dias a bordo do navio que o trazia de volta dos Estados Unidos para o Rio.

No texto, escreveu que o sinal da cruz era “o gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse”. Já o Icomos (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), encarregado de avaliar os candidatos a Patrimônio Mundial, viu no encontro dos dois eixos mais que uma cruz estática: imaginou um grande pássaro voando para o Sudeste. E encantou-se com as superquadras. E encheu os olhos com a obra de Oscar Niemeyer (o segundo criador), aquele equilíbrio quase impossível entre

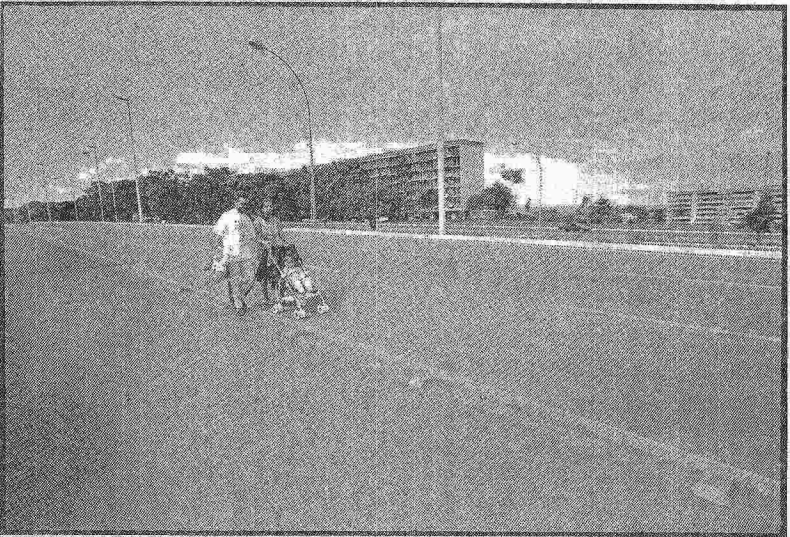
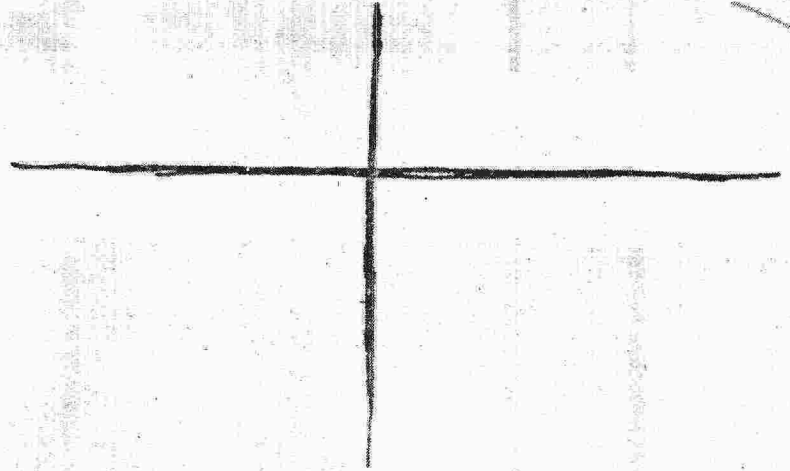
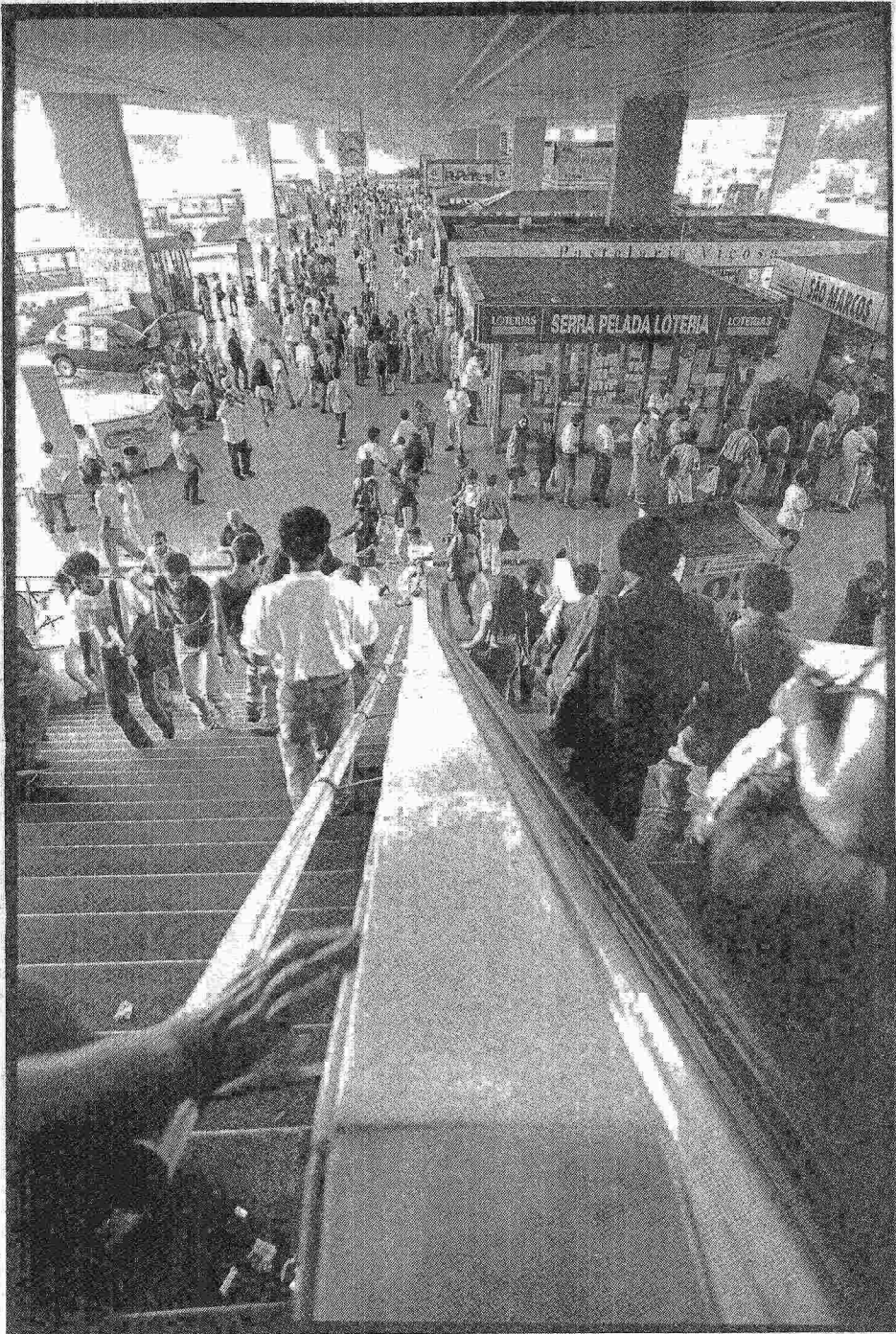
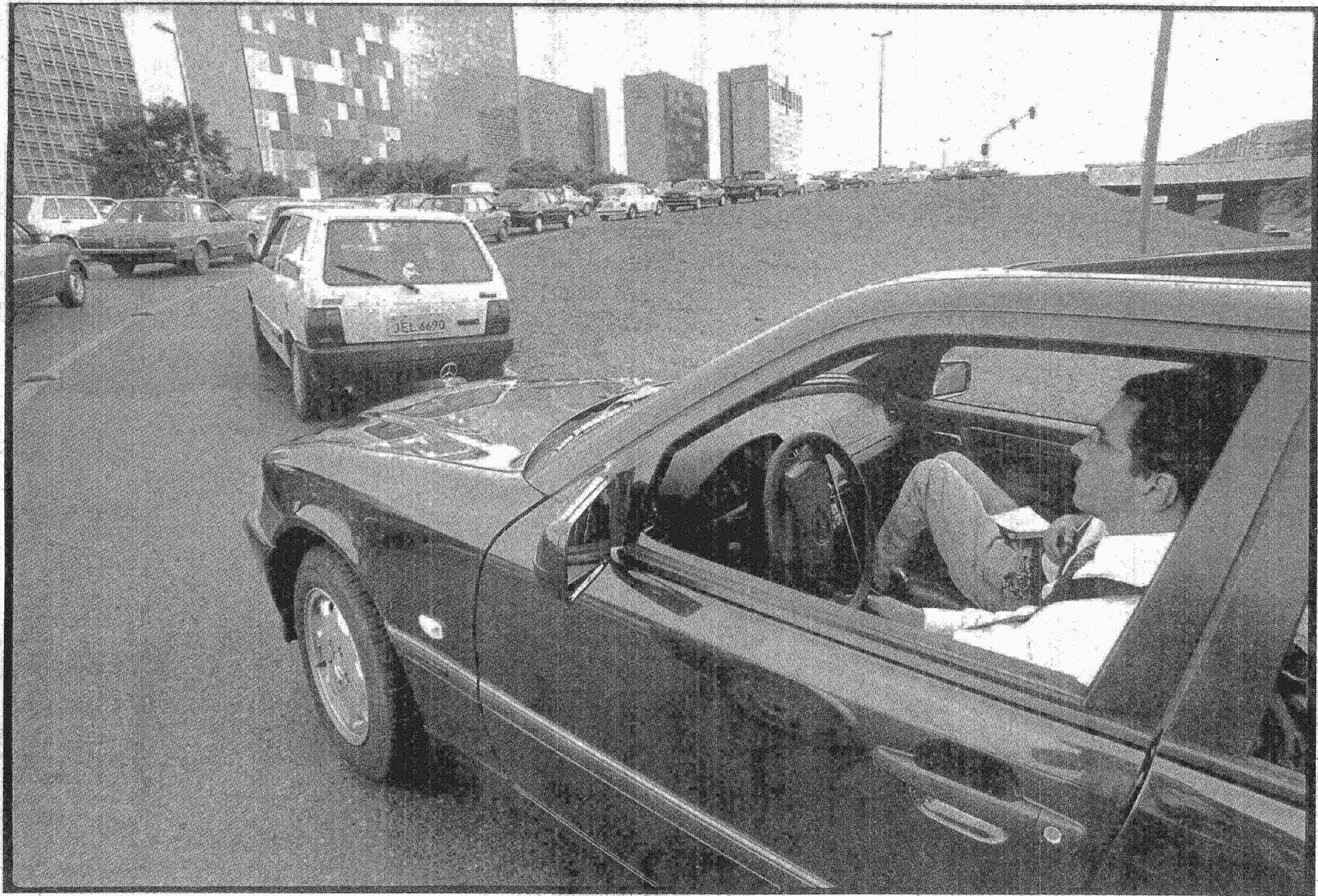
edifícios horizontais e verticais, entre volumes retangulares e superfícies curvas. E concluíram os homens do Icomos: “A criação de Brasília é inquestionavelmente uma grande conquista da história do urbanismo”.

E foi assim que no dia 11 de dezembro de 1987, a Unesco inscreveu Brasília na lista do Patrimônio Mundial, pelo “valor excepcional e universal (...) que deve ser protegido para o benefício da humanidade”.

Dez anos depois, Leonardo e Thiago pedalam em torno do busto de bronze que enfeita o edifício onde moram, na 206 Sul, o primeiro a ficar pronto em Brasília. Os dois amigos têm sete anos de idade. Brincam à vontade dentro do mundo da superquadra. Não sabem de quem é aquela cabeça de bronze. Não conhecem Juscelino Kubitschek. Mas hão de ser eternamente gratos a ele.

Há quem veja no desenho do Plano Piloto, além da cruz dos posseiros e do pássaro gigante voando rumo ao Sudeste, as formas de um avião. Oscar Niemeyer tem medo de avião. Quando precisa vir a Brasília, vem de carro. Era assim no final dos anos 50, quando veio ajudar a construir Brasília. Foi assim na semana passada. Niemeyer depende dos automóveis para vencer a distância entre a casa, no Rio, e sua criação, no Planalto Central, mas não gosta da interferência que eles exercem sobre sua obra. Recomenda aos turistas incidentais de viagem marcada para Brasília: “Vá sábado ou domingo, quando não há tantos carros fazendo desaparecer os prédios”.

Segundo pesquisa da Codeplan divulgada na semana passada, apenas 13% das famílias do Plano Piloto não têm automóvel. Mais de 40% delas têm pelo menos um; 30% possuem dois; e 13% têm uma pequena coleção com três ou mais. Na casa de José Márcio e Lurdinha, são dois. No escritório de advocacia onde José Márcio é um dos sócios, as duas secretárias, Dilma e Sílvia, têm o seu carro. O office-boy Wildomar Barreiro, o Will, 26 anos, vendeu as últimas três férias para comprar o Passat 87 que o leva de casa, no Gama, ao trabalho, no Liberty Mall. Não foi a toa, portanto, que de uns tempos para cá o brasiliense passou a conviver com o engarrafamento. Ainda que não se veja por aqui nenhum daqueles congestionamentos épicos do Rio e São Paulo. “Hoje, levo cinco minutos a mais para chegar em casa”, reclama José Márcio. “Mas quando começo a ficar muito irritado com o trânsito em Brasília, dou um pulo em São Paulo. E paro de reclamar”, brinca.



Pedestres

Alguém já disse que o brasiliense, como um centauro do fim do século, é composto de cabeça, tronco e rodas. E que o dicionário do Plano Piloto define assim o verbete pedestre: “felizardo que encontrou vaga para estacionar o carro”. Há exceções. Aos domingos, o Eixão expurga seus automóveis e recebe a visita de centauros provisoriamente arrependi-

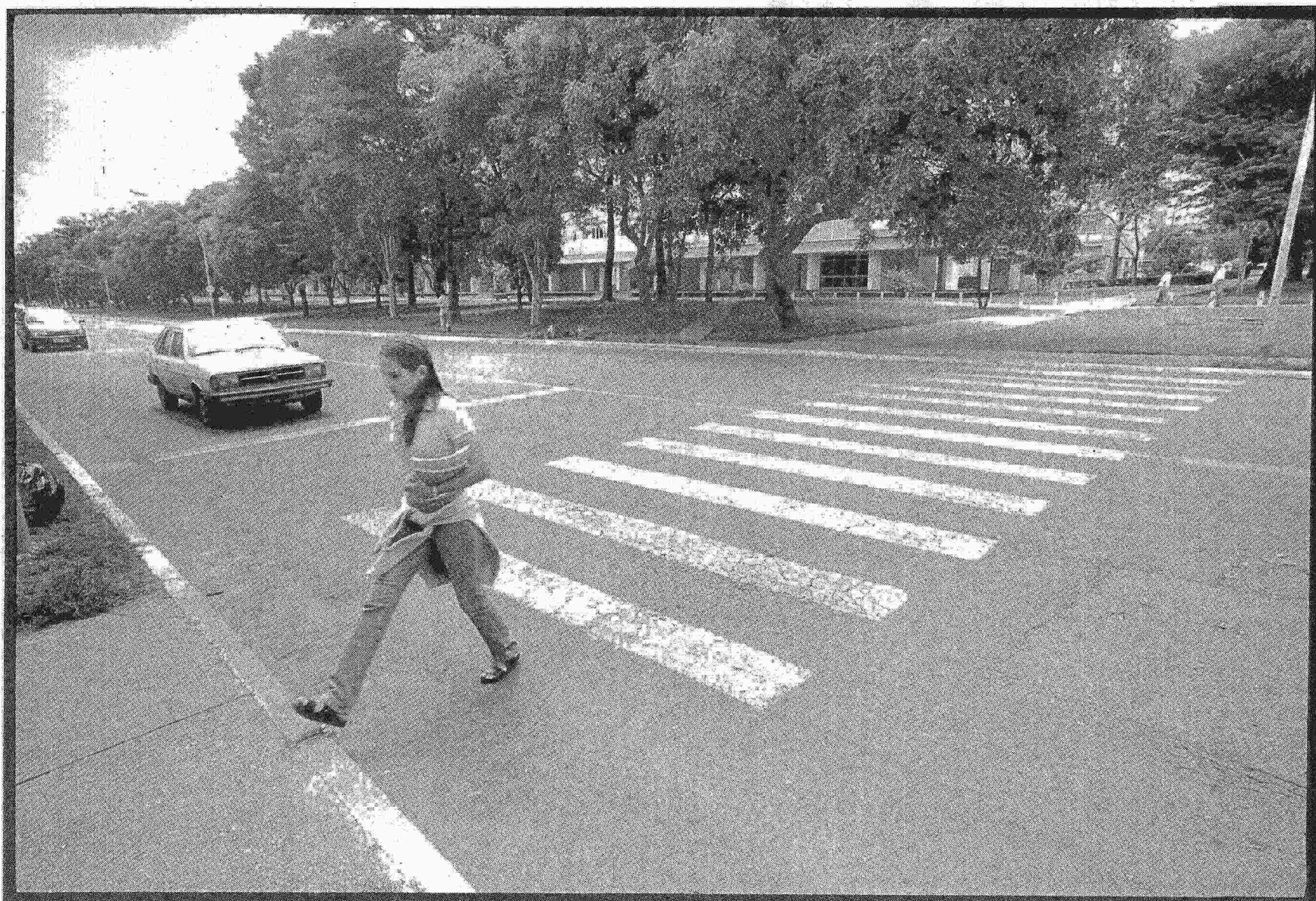
dos, ávidos do prazer quase esquecido de andar a pé. Mas existe um lugar em que proliferam os pedestres legítimos. Em 1984, Lucio Costa visitou esse lugar. Do alto da plataforma da Rodoviária, não escondeu a sensação da profecia cumprida. “Eu sempre repeti que essa plataforma era o traço de união da metrópole, da capital, com as cidades-satélite improvisada da periferia. Então eu senti esse movimento, essa vida intensa dos verdadeiros brasilienses, essa massa que vive nos arredores e converge para a Rodoviária. Ali é a casa deles, onde se sentem à vontade”. Com ou sem poesia, Lúcio Costa acertou. Por entre os pastéis e o caldo de cana, os vendedores de vale-transporte e os meninos de rua, passa todos os dias pela Rodoviária do Pla-

no Piloto um numeroso exército de 400 mil pessoas — duas vezes a população das asas Sul e Norte. Há 40 anos, no memorial descritivo do Plano Piloto, Lucio Costa manifestou a preocupação em separar seres humanos e pedestres. Mas minimizou a ferocidade desses últimos: “Não se deve esquecer que o automóvel, hoje em dia, deixou de ser o inimigo inconciliável do homem, domesticou-se, já faz, por assim dizer, parte da família”. A Rodoviária do Plano Piloto é o lugar onde vai e vem essa gente que ainda não tem um automóvel como animal doméstico. Mas que, não fosse o último pacote econômico, continuaria exercitando o sagrado direito de sonhar com um financiamento que durasse o resto de suas vidas.

“A verdade é que Brasília existe onde há poucos anos só existia deserto e solidão. A verdade é que a vida brota e a atividade se articula ao longo dessas novas vias. A verdade é que seus habitantes se adaptam ao novo estilo de vida que ela enseja. A verdade é que as crianças são felizes, lembrança que lhes marcará a vida para sempre”. Assim escreveu Lúcio Costa, sete anos depois da inauguração da cidade que inventou. A verdade é que o criador pretendeu fazer de sua criação uma cidade “harmoniosa, humana”. Daí imaginou as superquadras, obedecendo a dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme (“talvez seis pavimentos e pilotis”, arriscou — e acertou —, no memorial descritivo) e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, com “as crianças brincando à vontade ao alcance do chamado das mães”.

A verdade é que a superquadra foi um bom lugar para as crianças José Márcio e Lurdinha serem felizes. E continua sendo para seus três filhos. Lurdinha brincou e cresceu livre, ao alcance do chamado de sua mãe, ao lado dos então nove irmãos (mais tarde, viriam outros quatro, já candangos). “Houve um tempo em que mamãe usou uma sinetinha para chamar os filhos da janela do apartamento. Mas não funcionou muito bem e ela acabou optando por gritar a gente. Quem estava lá embaixo, perto do bloco, ouvia e chamava os que estavam mais longe”, lembra Lurdinha. Anos mais tarde, foi a vez de Pedro, Marcos e Adriana crescerem ao alcance da mãe, Lurdinha.

E a verdade é que as lembranças, como queria Lúcio Costa, marcaram para sempre a vida de duas gerações de crianças felizes.



Brinquedos

Marcos (em pé, na foto maior) tem 18 anos. Estuda Veterinária na UnB. Adriana (foto acima e página ao lado), 16, faz o 2º grau no Objetivo. Ambos descartam qualquer possibilidade de morar em outra cidade. Não pensam sequer em trocar a super-

quadra onde nasceram e cresceram por uma casa no Lago. Se alguém pergunta por quê, Marcos tem a resposta na ponta da língua: “Para mim, minha quadra é a minha casa”.

Por experiência própria (nos dois lados da questão), Lurdinha analisa a paixão de pais e filhos pela invenção de Lúcio Costa: “Os meninos estão livres para viverem suas experiências com o mundo. E os pais, ao mesmo tempo, ficam tranquilos, graças ao limite imposto pela superquadra”. E a partir deste ano, ultrapassar os limites da superquadra ficou menos perigoso, graças às faixas de pedestre que quase domesticaram a ferocidade dos automóveis.

Marcos e Adriana lembram que os melhores amigos de hoje são praticamente os mesmos dos tempos de criança. Com eles, Marcos cresceu jogando bola nos gramados da quadra, disputando campeonato de futebol de botão debaixo dos blocos. Depois de grande, continua jogando futebol com a galera.

“É só descer a escada para encontrar os amigos”, resume ele. “Lembro que a gente brincava de boneca debaixo do bloco”, conta Adriana. “E tinha também guerra com balões cheios d’água. E quando os balões estouravam, era hora de escorregar no cimento molhado.”

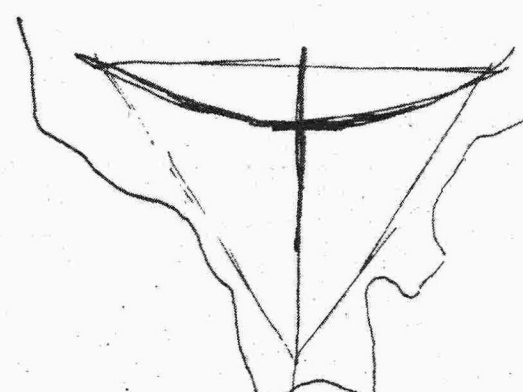
Pensando bem, mudar para quê?

A infância acabou. Mas o fascínio do maior quintal do mundo, com a amplidão que favorece tanto o encontro quanto a solidão, está presente no dia-dia de Adriana e Marcos. E no imaginário de Pedro. Em março deste ano, o irmão mais velho mudou-se para o Rio, onde estuda publicidade. Divide o apartamento em Copacabana com Leonardo, vizinho e amigo de infância da 211 Sul. Os outros tantos amigos dos tempos de menino ficaram em Brasília. E Marcos, aos 21 anos, tem saudade. "Aqui no Rio, as pessoas são amáveis depois que você conhece. Mas conhecer é muito difícil", lamenta. Fora a solidão e a falta que faz o futebol de fim de tarde debaixo do bloco, Marcos se queixa do caos carioca: "Fiquei um mês e meio tentando alugar telefone e desisti. A televisão passou um mês no conserto e voltou com o mesmo defeito. E quem reclama do custo de vida de Brasília não sabe que um cara cobrou R\$ 80,00 para fechar um buraco de ar condicionado". Isso sem falar no único dia em que saiu com o vidro do carro aberto e foi assaltado por um menino de 10 anos de idade. Mas talvez o pior seja o trânsito. "Posso estar tirando boas notas, a praia pode estar linda, mas eu vivo estressado. Esse trânsito enlouquece as pessoas, enquanto em Brasília eu pegava o carro feliz. Quer saber? Brasília é a melhor cidade do mundo para se viver", declara-se, com certo conhecimento de causa.



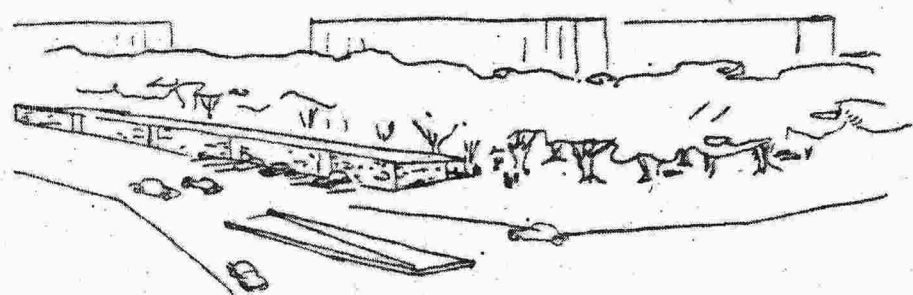
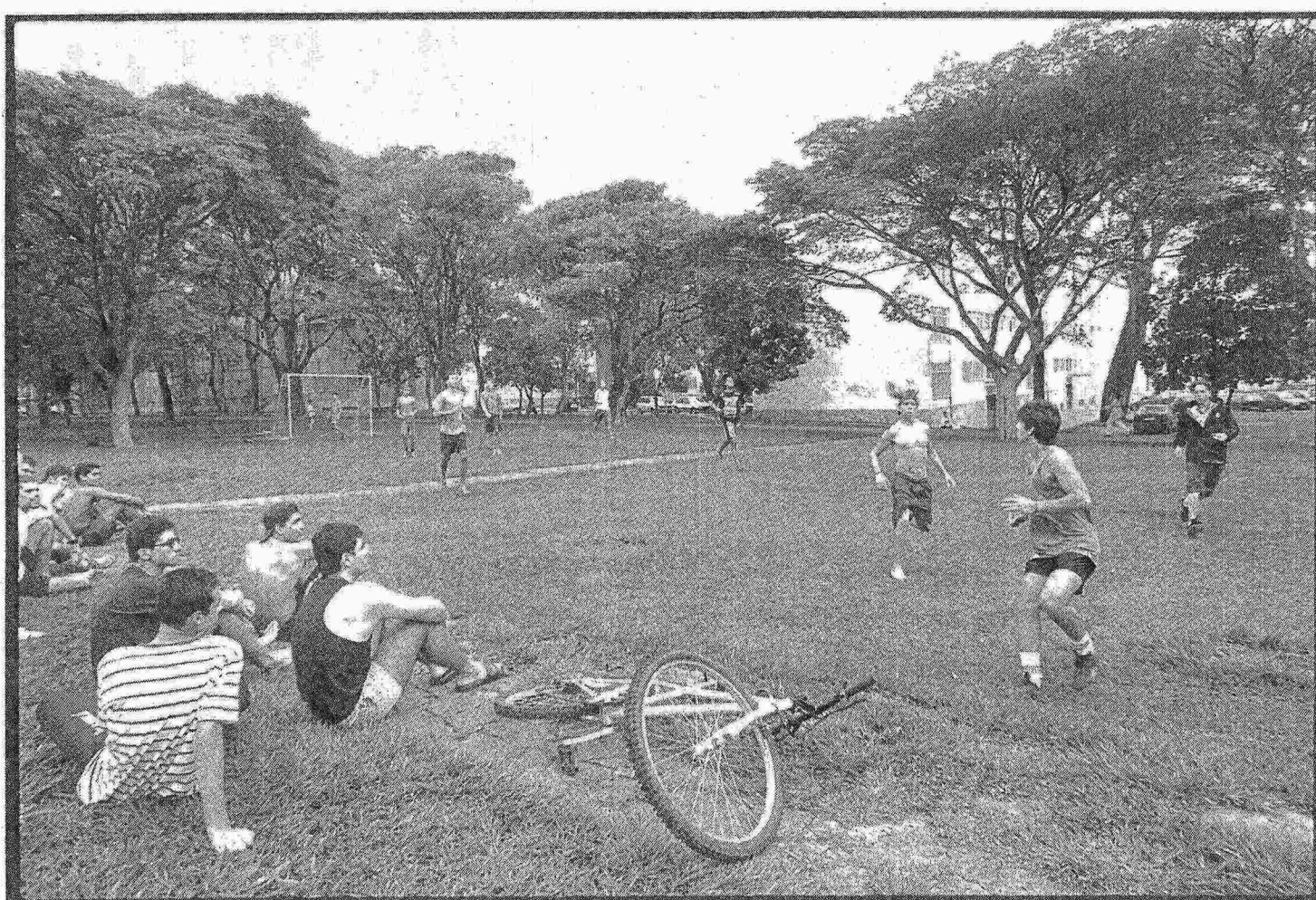
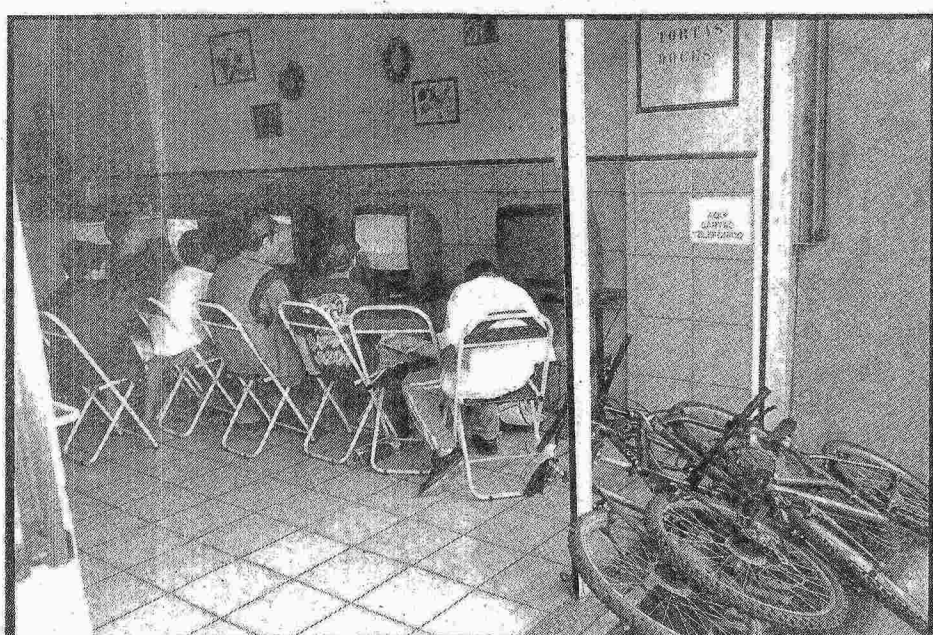
"Sou a favor de uma liberdade plástica quase ilimitada, liberdade que não se subordine servilmente às razões da técnica ou do funcionalismo, mas que constitua, em primeiro lugar, um convite à imaginação."

Oscar Niemeyer



QUALQUER CIDADE

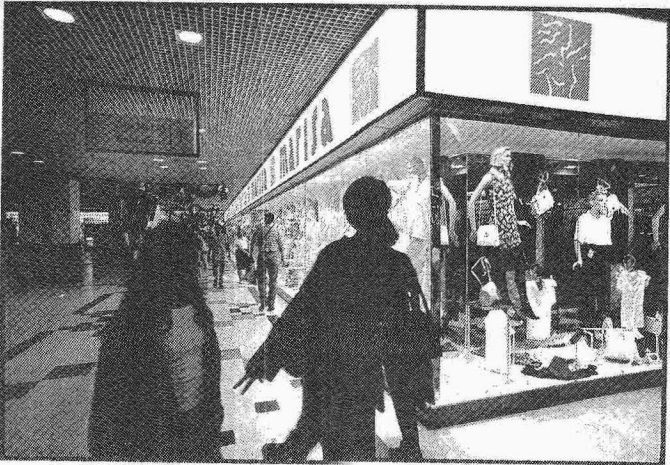
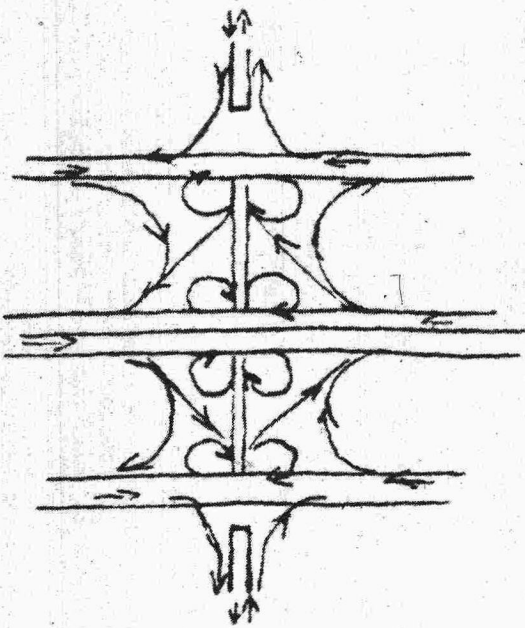
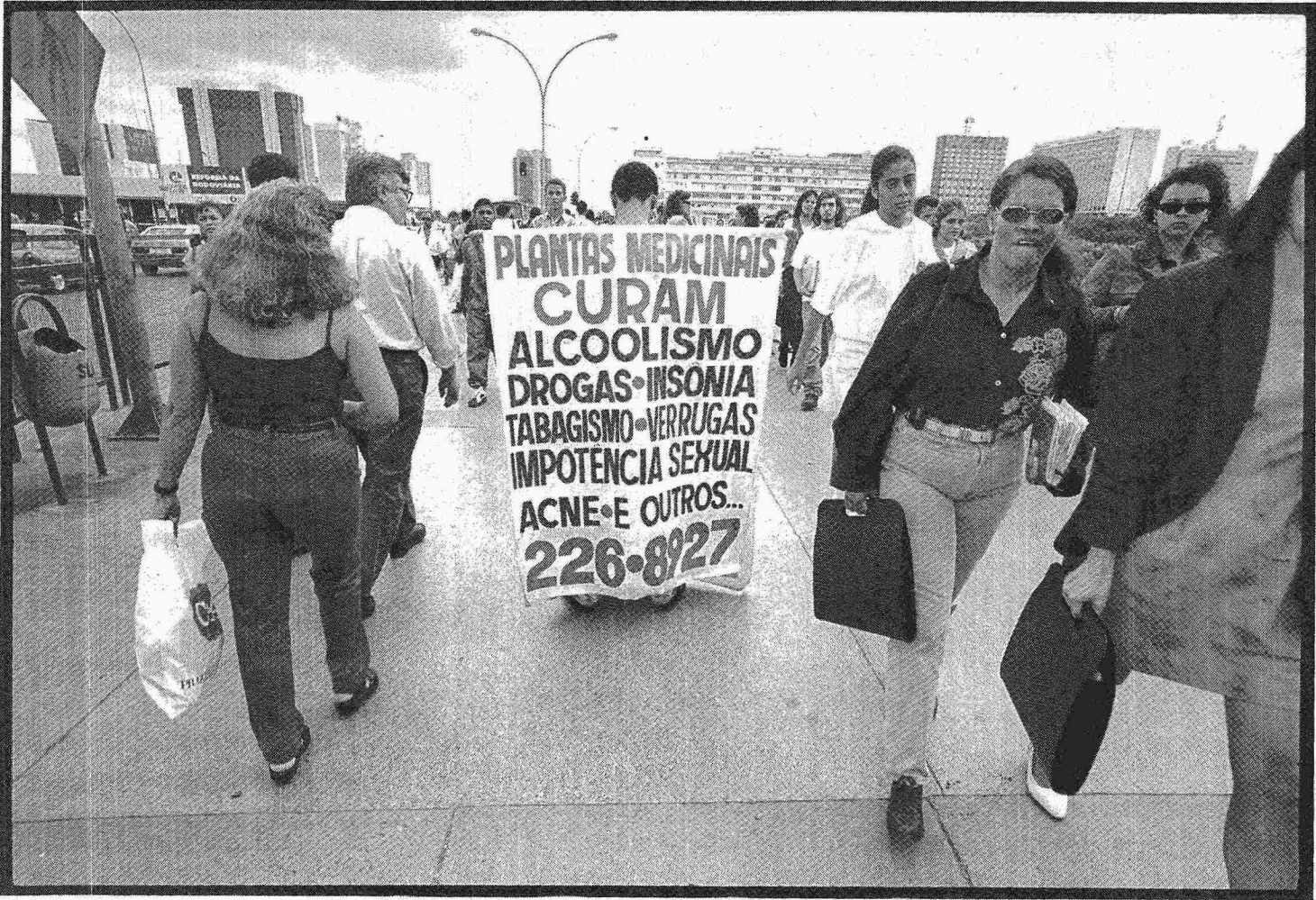
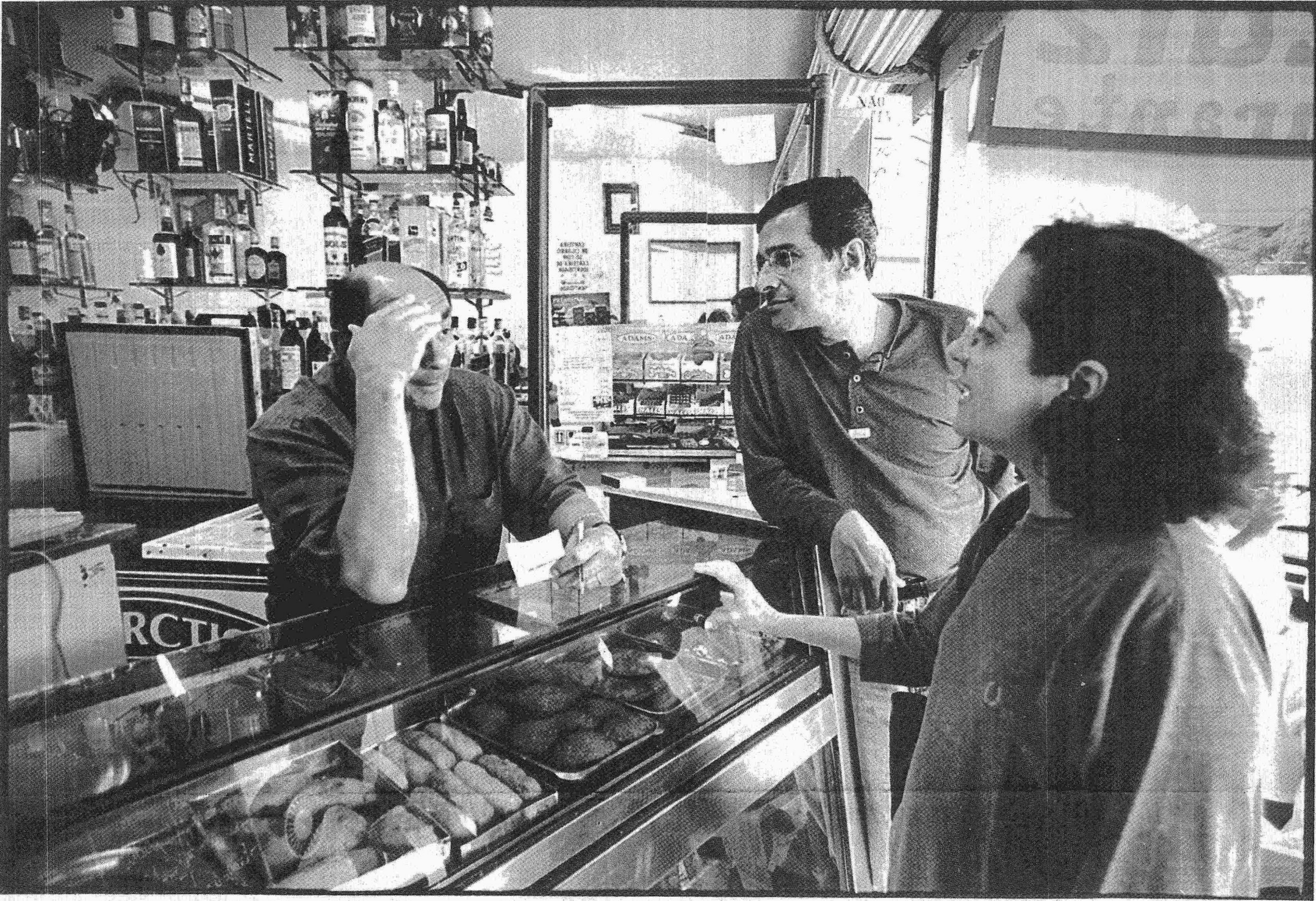
“Ao contrário das cidades que se conformam e se ajustam à paisagem, no cerrado deserto e de encontro a um céu imenso, como em pleno mar, Brasília criou a paisagem”. Assim escreveu Lúcio Costa, sete anos depois de ver a sua obra criar um novo cenário no cerrado. Mas a cidade cuidadosamente planejada pela mão do artista às vezes se conforma e se ajusta à paisagem de uma cidade nascida do acaso como qualquer outra. Brasília, a cidade comum, pode estar no homem-sanduíche que anuncia ervas milagrosas ineficazes apenas contra os malefícios do desemprego. No futebol dos meninos (ainda que jogado ao alcance das mães). Nas guerras sem-fim travadas entre máquinas e adolescentes nos fliperamas de uma porta só. Nos shopping-centers cuja lógica faz de qualquer lugar o mesmo lugar (dentro deles, Brasília é igual a Belém, que é igual a Porto Alegre, que é igual ...). A Brasília comum está também nos botequins que escapam a qualquer planejamento. Como a cidade dos bombardeios quase eternos que lhe empresta o nome, o Beirute resiste. É, como foi nos anos 70 e 80, um dos bares prediletos de José Márcio e Lurdinha.



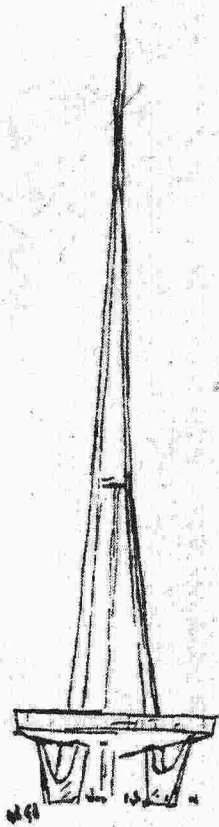
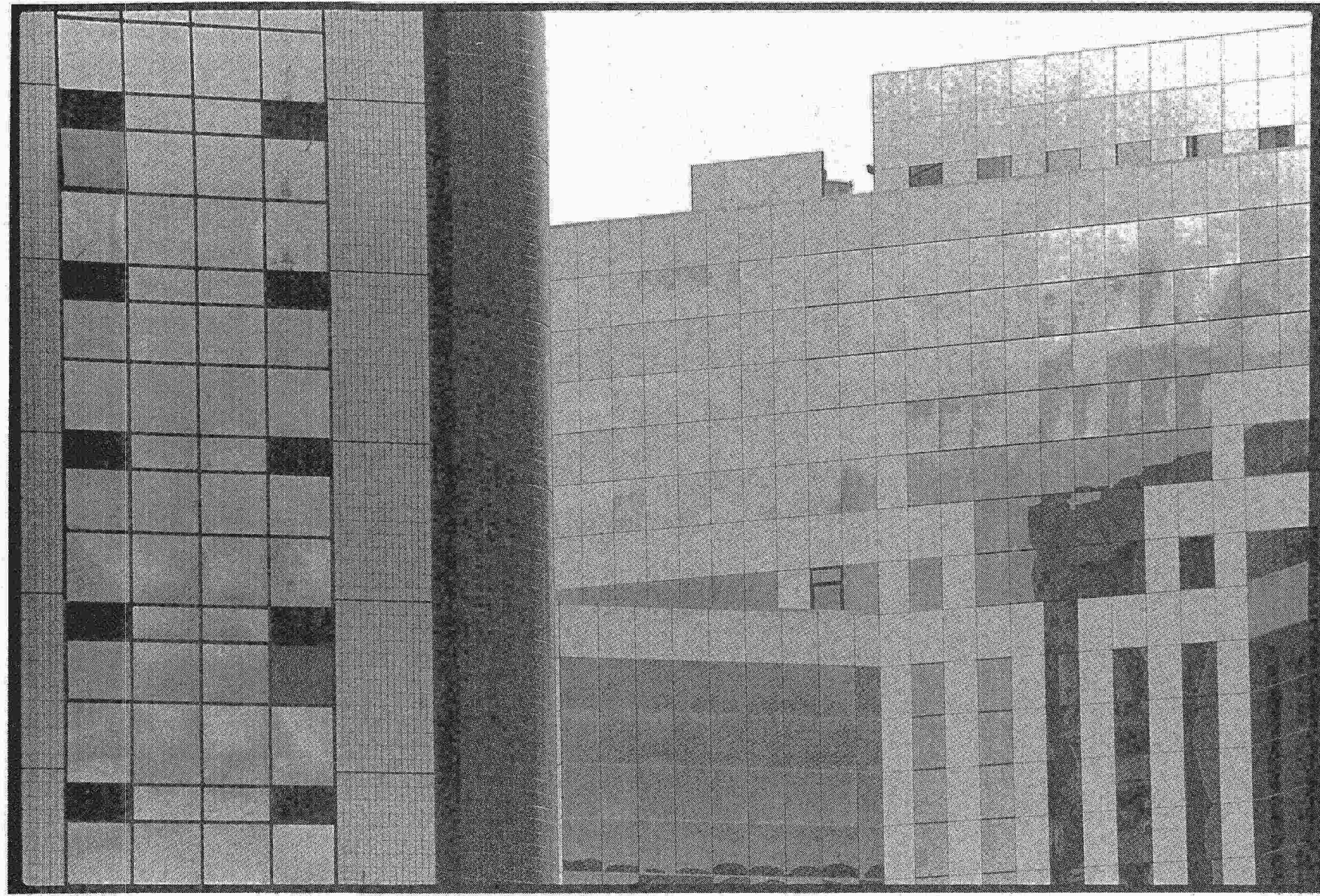
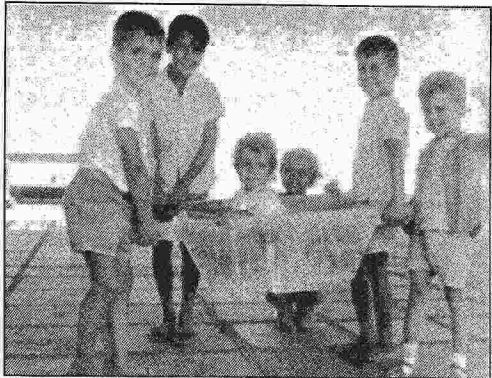
“A verdade é que seus habitantes se adaptam ao estilo novo de vida que ela enseja, e que as crianças são felizes.”

Lúcio Costa

Brasília é dada a longevidades. Da mesma forma que o Beirute (foto maior, página ao lado), resistem ainda outros pontos do itinerário afetivo-etílico-gastronômico dos jovens que aqui chegaram no começo de tudo. Como a Dom Bosco, onde Marcos comia pizza em pé quando criança, levado pelo pai, e continua comendo até hoje, agora com os amigos. Ou o Bierfass, onde José Márcio e Lurdinha começaram a namorar, no mesmo Gilberto Salomão que hoje faz parte do roteiro obrigatório dos seus três filhos. Poucos metros além do Beirute, José Márcio e Lurdinha matam a saudade de outro símbolo da juventude. Luiz Ferreira da Silva (foto abaixo), paraibano de Sousa, chegou em Brasília em 1968. Foi garçom do Beirute por 12 anos. Até que 1992 pegou as economias e abriu o Bar do Luiz. Conheceu a prosperidade e hoje vive o fracasso. Chegou a ter 200 mesas, hoje reduzidas à metade. Empregou 22 funcionários, que hoje são apenas seis. Com o aluguel atrasado cinco meses, o ex-lavrador que veio tentar a sorte em Brasília prepara-se para fechar as portas e tentar a sorte em Taguatinga. “Não me arrependo de ter deixado minha terra. Comecei uma vez e vou começar de novo”, afirma. E é assim que o ex-lavrador/garçom falido e o homem que virou sanduiche ajudam a fazer de Brasília uma cidade do seu tempo, apesar da eterna vocação futurista. Como disse na semana passada o comunista Oscar Niemeyer, que na próxima segunda-feira completa, a contragosto, 90 anos de vida: “Brasília não é a cidade do futuro. A cidade do futuro nascerá da sociedade do futuro, que será construída não para meia-dúzia de ricos, mas para todos os seres humanos.”



O chão de terra vermelha sujava a roupa, mas isso era uma qualidade: não se joga bolinha de gude no asfalto. Quando chovia, o chão virava barro e também era bom: não havia melhor lugar no mundo para o jogo de finca. Era só arranjar um pedaço de ferro na obra que ficava bem ali na frente, pedir a um dos operários para esmerilhar a ponta — e começava a brincadeira de atirar a finca e ir riscando o chão até completar o percurso. As colunas ocas dos prédios em esqueleto eram ideais para o esconde-esconde. Com os tapumes que sobravam das obras, meninos e meninas construíam clubes e casinhas. Arte mesmo era roubar as mangueiras de incêndio e pendurá-las nas árvores para brincar de Tarzan. Ou, ainda mais arriscado e gostoso: explorar, engatinhando, as manilhas subterrâneas que um dia desabaram matando dois candangos. Era assim brincar de crescer na cidade em construção. “A gente dormia com o barulho das betoneiras misturando cimento a noite inteira. E era bom”, lembra Lurdinha. “O vento formava redemoinhos, a gente corria para dentro deles, a poeira vermelha entrava nos olhos e nós sujava da cabeça aos pés. E era bom”, conta José Márcio. Os filhos da classe média pioneira brincavam com os filhos dos candangos, da mesma forma que Oscar Niemeyer e sua equipe bebiam e dançavam com os operários nas boates de chão de tábuas da Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante). “E era bom”, lembrava Niemeyer, na semana passada. “Mas a construção acabou e, com ela, a ilusão de que estávamos construindo a sociedade sem classes que sonhávamos.” E aí já não era tão bom.



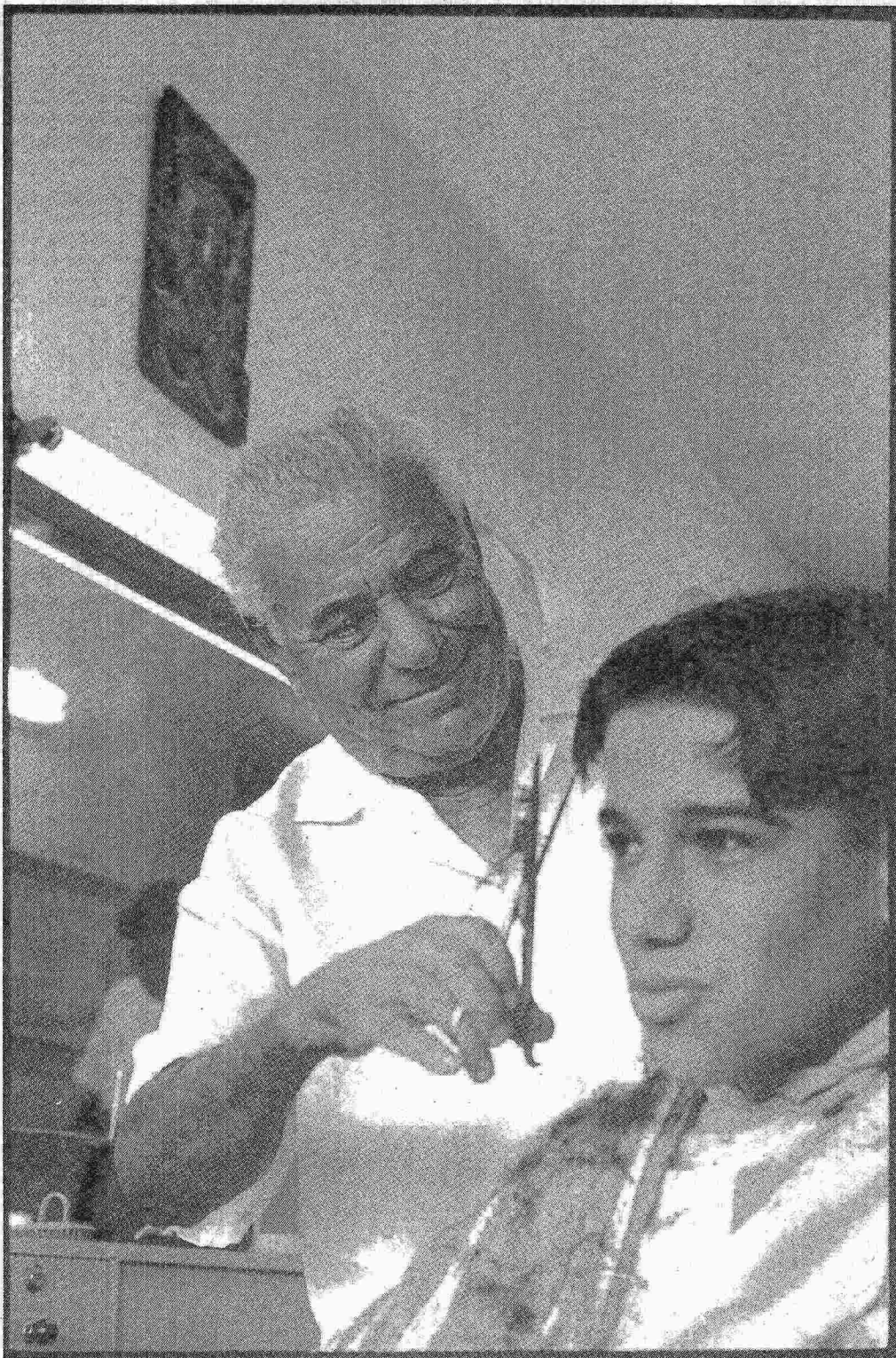
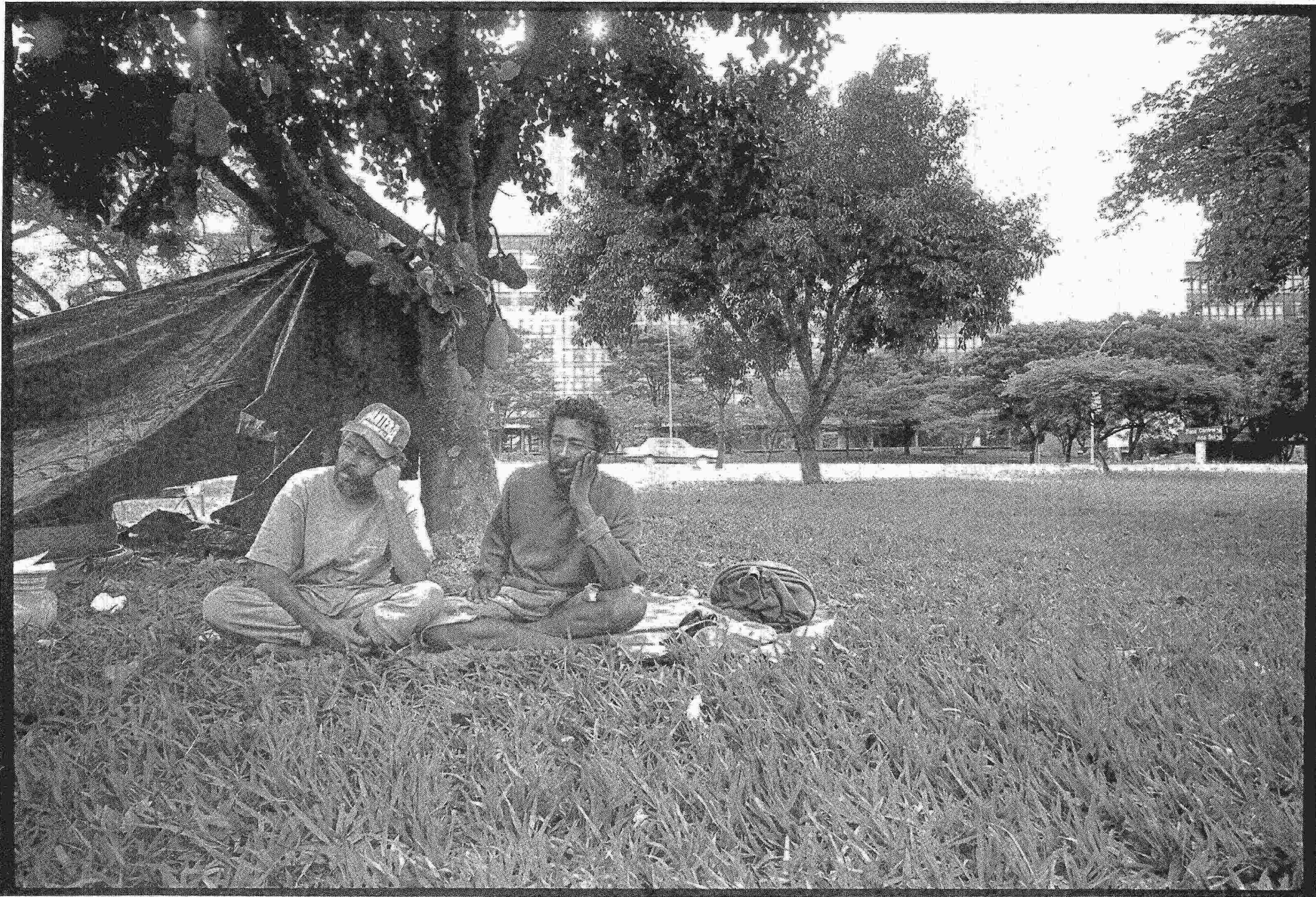
Futuros

As crianças cresceram, a cidade também. Vieram os prédios então modernos do Setor Comercial Sul e as festas adolescentes na casa dos amigos. Festas regadas a quase nada: daí o apelido “copo d’água dançante” que recebiam esses ritos de passagem em que se aprendia a dançar de rosto colado com Gilbert Becaud deslizando na vitrola. Vieram agora os prédios — por enquanto — futuristas. E os filhos

da geração copo d’água dançante hoje pagam R\$ 20,00 pela diversão regada a cerveja, uísque e música baiana nos andares térreos dos prédios futuristas do Setor Comercial Norte. Sobrevive também o mesmo Gilberto Salomão freqüentado pelos jovens de outrora que viraram pais. Mas são bem outros os tempos de pais e filhos. E o Gilberto, hoje, mais que diversão, é para alguns jovens o front ideal para espetáculos de pancadaria gratuita. “Tem uns caras que saem de casa para brigar. Cuidado para não olhar muito para eles. Podem achar que você está encarando e aí...”, ensina Marcos. Inimigo da violência, Marcos confessa que baixou várias vezes a cabeça para não brigar. E teve que aprender outra regra, mais cruel: “A gente às vezes vê cinco ou seis caras batendo em apenas um. A

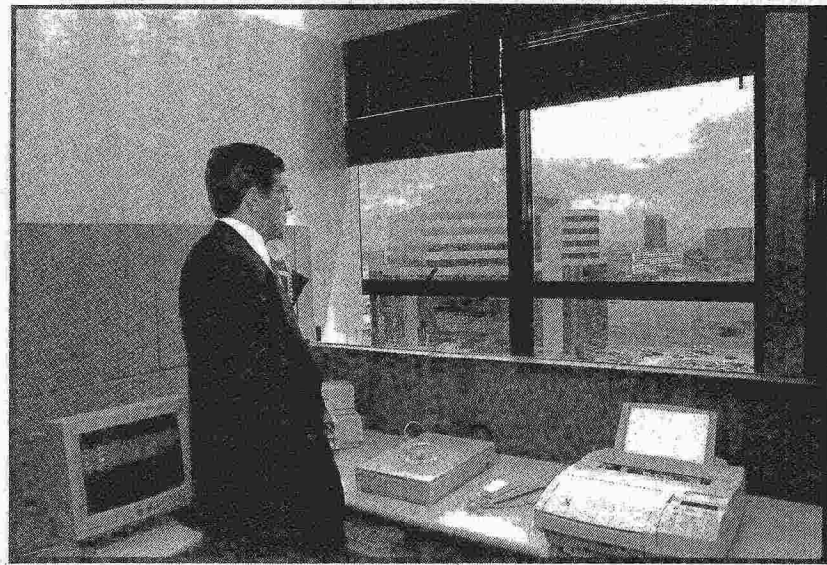
gente olha se quem tá apanhando é algum amigo. Se não for, não vale a pena fazer nada”. Marcos não sabe porque as coisas ficaram assim. “Cada cidade tem seu vício. O de Brasília tem sido esse”, lamenta. Desde que foi morar no Rio, Pedro percebeu com mais clareza esse vício brasileiro. “Depois que aqueles jovens queimaram o índio pataxó, os cariocas passaram a achar que toda a juventude brasileira é violenta. Eu tento explicar que essa visão é tão errada quanto achar que no Rio só tem bandido. Mas a verdade é que, infelizmente, em nenhum outro lugar os jovens brigam tanto quanto em Brasília”, desabafa Pedro. Por esse futuro, jamais esperavam os homens que inventaram o patrimônio da humanidade.

Diz o povo de Bodocongó, Paraíba, que Brasília tem emprego e tem dinheiro. Há um mês morando debaixo de uma jaqueira, à margem do Eixão Norte, os compadres de Bodocongó Adelaide Pereira e Assis de Freitas (foto) ainda não acharam nem emprego, nem dinheiro. Acharam água em abundância e fartura jogada no lixo. “No Nordeste, a gente anda três léguas pra pegar água no açude do governo. Aqui, é só andar até aquele posto de gasolina ali, ô”, aponta Adelaide. “A gente acha uns tomates na lixeira. E toma-te até bonzinho, moço, que se fosse lá na nossa terra era vendido em feira”, garante Assis. Recém-chegados, os lavradores sentem-se um pouco donos dessa terra. “Foram os nordestinos que construíram Brasília”, lembram. Dia desses, ganharam dois pneus de automóvel, com os quais esperam equipar o sonhado carrinho de catar papelão. Enquanto sonham, torcem para que as jacas amadureçam.



“Dar moradia ao homem — a todos os homens e suas famílias — é o desafio da Era Tecnológica. A moradia do homem comum há de ser o monumento símbolo do nosso tempo, assim como o túmulo, os mosteiros, os castelos e os palácios foram em outras épocas.”

Lúcio Costa



Os ventos

O advogado José Márcio nem se lembra mais de quando começou a cortar o cabelo com o barbeiro Valdomiro Pinto, o Baiano, nascido há 71 anos em Itabuna, mas tornado brasiliense em 1959, quando aqui chegou.

Nesses últimos 37 anos, José Márcio foi criança correndo atrás dos redemoinhos, estudante de Direito, revisor da Revista de Jurispru-

dência do antigo Tribunal Federal de Recursos, assessor da Terracap, integrou a Advocacia Geral da União. Hoje é sócio de um escritório de advocacia, de cuja janela mira a cidade que cresce em forma de edifícios espelhados.

É uma cidade em tudo distante daquela que o barbeiro Baiano guarda ainda na lembrança. Baiano morava num barraco de madeira que também funcionava como barbearia, no acampamento da Cidade Livre. Ventava muito. E o vento arrancava telhados e cobria o corpo e a roupa de poeira vermelha.

“Cansei de me segurar em pau de árvore pra ventania não me carregar. Moço, o cabelo do pessoal ficava tão duro de poeira que era até difícil de cortar. Passava a toalha na cabeça do freguês e saía barro

puro”, jura Baiano, cuja freguesia incluía candangos anônimos e gente muito importante, como Israel Pinheiro.

Baiano lembra quando a rua da Igrejinha (108 Sul) era só mato: “Cansei de ver ema, perdiz e cascavel”.

No começo, andava de carroça no meio da poeira. Hoje, passa meia-hora “encalhado” no engarrafamento cotidiano na altura do Cruzeiro, que torna um exercício de paciência a viagem de ônibus de Taguatinga ao Plano Piloto. Mas o baiano sorridente não reclama de nada. Nem de até hoje, tantos anos depois, ainda ter que trabalhar para os outros. Sabe que tem gente melhor do que ele. Mas também tem gente muito pior. Debaixo de uma jaqueira.

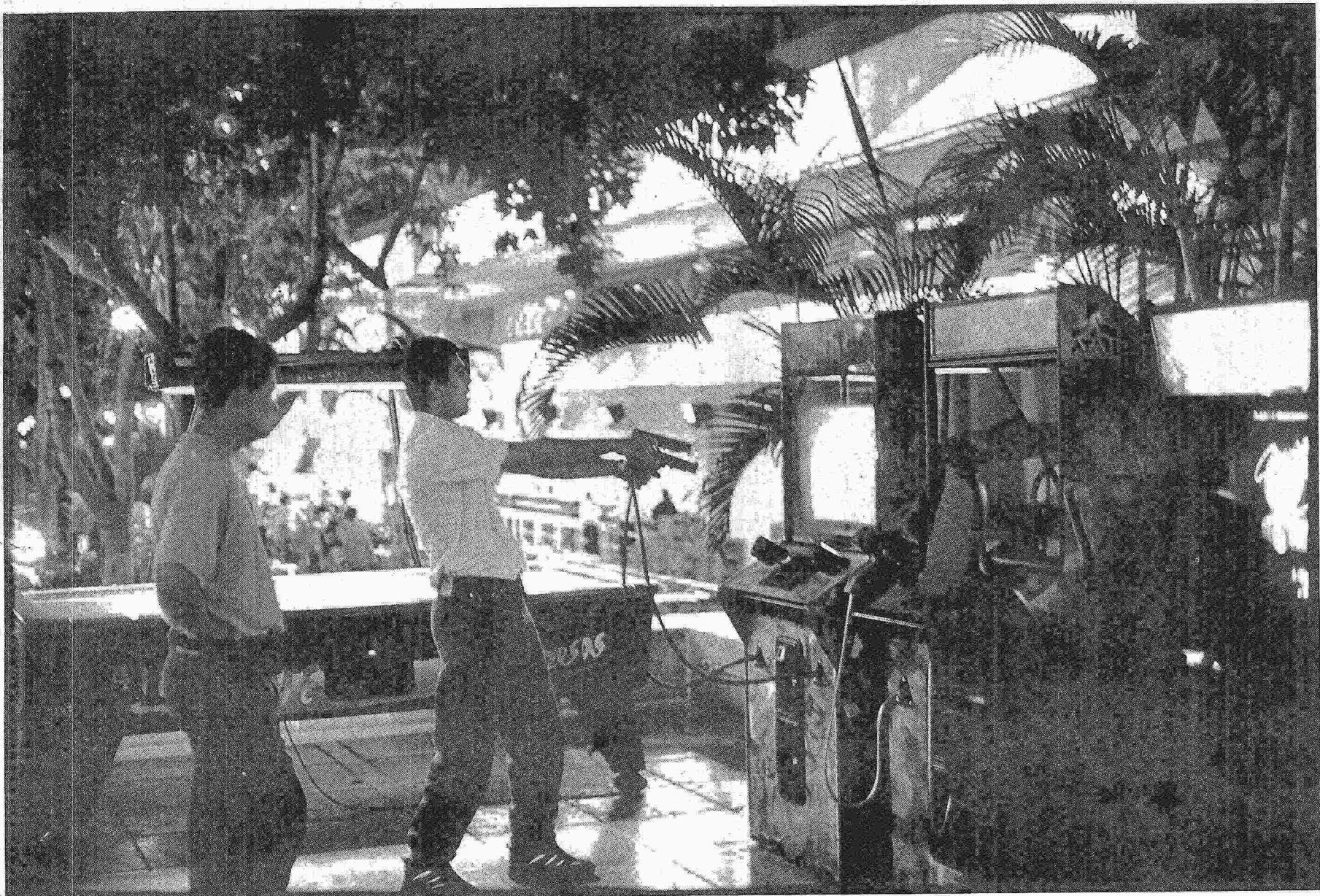
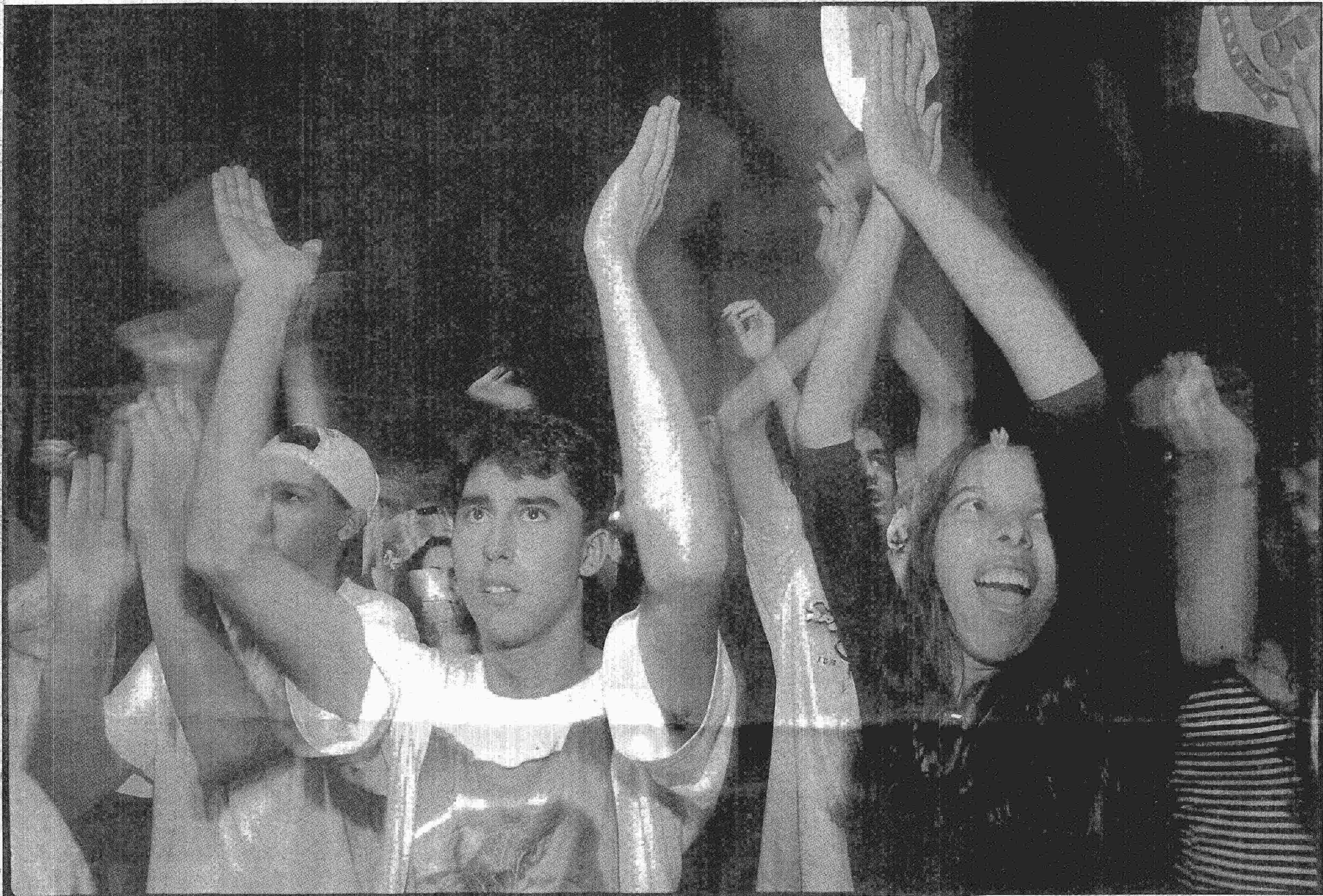
E as jacas talvez nunca amadureçam.

FESTA DO CÉU

Um dia, José Márcio Monsão Mollo e Maria de Lurdes Rollemberg Mollo foram morar em outra cidade. A cidade chamava-se Paris. Lá, o casal passou dois anos (de 1984 a 1986), com os três filhos pequenos. Lurdinha fez doutorado. José Márcio aproveitou para concluir o mestrado. Viver em Paris era um sonho. Era. “Passei dois anos pensando no dia da volta”, confessa José Márcio. “Um dia, a televisão francesa mostrou a visita do François Mitterrand (ex-presidente da França) ao Brasil”, conta Lurdinha. “Eu olhava as imagens, mas não conseguia enxergar o Mitterrand, nem ouvir o que ele falava. Só via o céu de Brasília.”

Os filhos sentiram a falta de espaço para crescer. Aqui, reencontraram o espaço. Vivem a celebração da alegria que às vezes faz esquecer a violência latente dos shows de música baiana. Vêem, também, a brutalidade virtual descarregada nas máquinas de fliperama invadir a vida real. A violência, o trânsito, o cerco da especulação imobiliária... Talvez este não seja mais o paraíso que virou Patrimônio da Humanidade sonhado pelos dois gênios criadores e construído pelos nordestinos que não param de chegar, crenças que o Eldorado ainda é aqui. Mas como garante Pedro, que acaba de conhecer as maravilhas do Rio, nunca houve uma cidade como Brasília.

“E tem também o céu”, lembra Marcos. É um céu de ofuscar estadista, diferente dos outros céus: “É que aqui você não precisa olhar para cima. O céu está em todos os lugares”.



“Já se disse que esta criação tirada do vazio num gesto de mágica é obra de loucos. Se isto é loucura, bendita seja.”

Lúcio Costa